

DAVID: A HISTÓRIA DE UM GALENSE

Por STEPHEN WATTS

Copyright do B. N. S. especial para
A C E N A

Londres — O bem inspirado prêmio que David Selznick instituiu o ano passado para os filmes europeus que mais tenham feito para promover a compreensão entre países, será entregue pela segunda vez no Festival de Filmes de Veneza, este verão, e já os júris estão começando a examinar candidatos em cada um dos grupos de linguagem. Não é um prêmio que qualquer filme possa merecer, mas creio que assisti aqui, em Londres, a um capaz de conquistá-lo.

Trata-se de um modesto filme intitulado "David", com apenas uma hora de projeção, e feito especialmente para o Festival da Grã-Bretanha. O Comitê Galense achou uma boa idéia realizar um filme que mostrasse ao visitante alguma coisa de Gales. Esperava-se que o resultado fosse uma narrativa ou um documentário rígido, mas não é uma coisa nem outra; é a história de um homem.

O argumento e a direção de "David" foram confiados a Paul Dickson, que fez o ano passado para o Ministério das Pensões da Grã-Bretanha, um notável e comovente filme sobre a reabilitação de mutilados de guerra, intitulado "The Undefeated".

CARATER GALENSE

O galá, é lógico, é um galense, e no decurso de sua história — a muito de informação e observação sobre a vida de Gales nos últimos 50 anos, e muito do que é uma autêntica apresentação do caráter galense. "David" não é desempenhado por um ator profissional mas pelo bedel da escola de uma pequena cidade galense, D. R. Griffiths. O filme se prende à vida e à verdade tão estreitamente quanto possível. Foi realizado na cidade de Ammanford nos campos carboníferos ao sul de Gales, e quase todos os atores são pessoas do lugar. David é um belo tipo de homem com um rosto firmemente cinzelado por dura experiência, mas essencialmente afável e bom. Vêmo-lo desempenhando sua humilde tarefa — esfregando o chão do colégio — mas nada há de servil em sua atitude. Para os alunos ele é um pai e um amigo. É a um dos meninos, num passeio na montanha por trás da cidade, que ele conta sua história.

É uma história humana, mas se notam nela muitos traços que são característicos do lugar e do povo.

O filme não é impecável; tem seus momentos infelizes, com sentimentos vulgares excessivamente explorados, coisas que o tornam convencional. Um exemplo é a cena desnecessária do nascimento de uma criança, que mais parece cinematográfico do que real.

Mas a grande força do filme está na sua simplicidade e verdade, convencendo o espectador de que o que ele assistiu é a vida na comunidade de Gales, e que ele viu, pelo menos de relance, o que se passa nos corações e nos espíritos de pessoas na vida real. Essa é a razão por que o filme satisfaz perfeitamente seu objetivo. Onde for o filme exibido, os que o assistirem aprenderão, entenderão melhor do que dantes, e forçosamente simpatizarão com o povo de outra terra. Vemos, assim, como um filme sem pretensão pode contribuir para um grande fim.

à margem do espetáculo

No olho mecânico

F ECHOU o cinema Alvorada, em Copacabana. O público fica assim privado de assistir, na zona sul, a alguns poucos espetáculos de primeira linha do cinema francês. Transformado em teatro, Procópio Ferreira abrirá a temporada.

★

S EM justificativa de espécie alguma, o circuito do Plaza passou a cobrar Cr\$ 10,00 o ingresso para a exibição de "Sansão e Dalila", espetáculo colorido que nada apresenta além do comum. Alegam os exibidores que o aumento se justifica em virtude do horário ser mais extenso. Nesse caso, por que o "Art Palácio", que é um cinema de luxo, não fez o mesmo quando da exibição de "Fabiola"? É por que outros cinemas não reduzem o preço quando as sessões não chegam a duas horas de projeção? Um absurdo, amigos. Tanto mais absurdo depois que se assiste ao filme.

★

E ninguém se anima a construir cinemas na Capital da República. Cresce a população e os cinemas existentes, caindo aos pedaços, não satisfazem as exigências do público, cada vez mais numeroso. Na Cinelândia, por exemplo, não existe um cinema sequer que se possa chamar de luxo, com exceção dos razoáveis "Palácio" e "Vitória", do circuito Ribeiro. O resto são casas velhas, aparentemente reformadas, sem os primários requisitos de conforto para as plateias. Mas, segundo madame La Marquize, *tout va très bien...* para os donos do "trust".

★

U MA nova modalidade de anúncio impingida ao público: discos, nos intervalos das sessões. O cúmulo da exploração. O espectador, como sempre, continua pagando as verbas da propaganda alheia.

★

D IZEM que David O. Selznick não envia ao Brasil os seus famosos "Duelo ao Sol" e "O Retrato de Jennie", em virtude do preço muito reduzido dos ingressos nos cinemas brasileiros. Ao que parece, o milionário produtor cobra uma fortuna por seus filmes, que já renderam milhões, e nenhum distribuidor se aventura a trazê-los. Ingenuidade, certamente. Porque o certo é que até a Cr\$ 1,00 por ingresso, a julgar pela escassez de casas em nosso território, qualquer filme dará lucro. Especialmente nos longos circuitos que circulam por esta capital de cinemas — sem cinemas.

★

A S poltronas dos cinemas chamados de luxo continuam rasgadas, sem que a direção tome a iniciativa de consertá-las. Em verdade, alguns maus elementos, de gilete em punho, andam à solta, fazendo suas molecagens na penumbra. Contudo, agora que a polícia resolveu tomar medidas enérgicas nesse sentido, por que não são feitos esses reparos indispensáveis ao conforto do público?

★

E NTAO não se justifica também aquele letreiro inicial, uma xaropada sem fim, que fica diante dos olhos da plateia quase cinco minutos, como uma ameaça que é cumprido, mas não é cumprida — com trocadilho e tudo.

★

A S dependências sanitárias do cinema Roxy, em Copacabana, são lastimáveis. Portas sem trinco, lavatórios sujos, vasos condenáveis, exalando mau cheiro para dentro do salão. Um absurdo em pleno coração da zona elegante da cidade. E assim, outros cinemas pecam pelo mesmo erro. Que se mirem no exemplo dos três Cines-Metro, cujas dependências sanitárias são limpas a cada instante, mantendo uma higiene constante e irreprimível. Honra ao Metro, senhores.

★

O S complementos nacionais continuam sendo uma calamidade. E, o que é pior, uma calamidade obrigatória.

leon eliachar